

Fernando Pessoa

## O SENTIDO DE PORTUGAL

### O SENTIDO DE PORTUGAL

A primeira verdade da sociologia — ciência, aliás, conjectural e imperfeita — É que a humanidade não

existe. Existe, sim, a espécie humana, mas num sentido somente zoológico: há a espécie humana como há a espécie canina. Fora disso a expressão humanidade pode ter somente um sentido religioso — o de sermos todos irmãos em Deus, ou em Cristo. Entre o sentido zoológico, que está aquém, e o religioso, que está além, da sociologia, não cabe sentido nenhum. Sociologicamente, não há humanidade, isto é, a humanidade não é um ente real.

Na realidade social há só dois entes reais — o indivíduo, por que é de veras vivo, e a nação, porque é

a única maneira como esses entes vivos, chamados indivíduos, se podem, agrupar socialmente de um modo estável e fecundo. A base mental do indivíduo, por isso mesmo que é indivíduo, é o egoísmo, e os indivíduos podem agrupar-se só em virtude de um egoísmo superior, ao mesmo tempo próprio e social. Esse egoísmo é o da pátria, em que nos reintegramos em nós através dos outros, fortes do que não somos.

A base da pátria é o idioma, porque o idioma é o pensamento em acção, e o homem é um animal pensante, e a acção é a essência da vida. O idioma, por isso mesmo que é uma tradição verdadeiramente viva, a única verdadeiramente viva, concentra em si, indistintiva e naturalmente, um conjunto de tradições, de maneiras de ser e de pensar, uma história e uma lembrança, um passado morto que só nele pode reviver. Não somos irmãos, embora possamos ser amigos, dos que falam uma língua diferente, pois com isso mostram que têm uma alma diferente. Estamos, neste mundo, divididos por natureza em sociedades secretas diversas em que somos iniciados à nascença, e cada um tem, no idioma seu e no que está nele, o seu toque próprio, a sua própria palavra de passe.

Tudo mais que forma grupos adentro da vida nacional — a família, a região, a classe — são ficções intermédias, umas meio físicas, outras meio económicas, e, se assumirem demasiada importância na vida nacional, elementos de

desintegração dela. Da consciência excessiva da classe nasce o comunismo. Da consciência excessiva da região nasce o separatismo. Da consciência excessiva da família nasce esse egoísmo, tão deplorável socialmente como o directo, que faz com que um homem evite defender a pátria porque pela sua morte pode fazer falta aos filhos, ou furtar-se a fazer obras de arte, com que a pátria se illustre, porque tem de ganhar para dar a esses filhos que comer.

Todas as relações sociais entre indivíduos são essencialmente relações mentais, porque, apesar de a Igreja o dizer, o homem é de facto um animal racional. Ora a vida — social ou outra — é essencialmente acção, e o pensamento em acção é a palavra, falada ou escrita (e a palavra escrita é a palavra falada para quem nos não pode ouvir, quer porque esteja longe, quer porque não tenha ainda nascido). A base das relações sociais é portanto o idioma: não somos irmãos, socialmente falando, senão daqueles que falam a nossa língua — e tanto mais quanto mais falem a nossa língua, isto é, quanto mais nela ponham, como nós, por ela ser a língua-mãe deles, como nossa, toda a sentimentalidade instintiva, toda a tradição acumulada, que a estrutura, o som, o jogo sintáctico e idiomático trazem em si. Desde que duas regiões da mesma língua se separem em estados diferentes, desde logo começa a se estabelecer uma diferenciação na estrutura da língua — útil e impalpável umas vezes, acentuada em outras, mas a separação em duas pátrias tende sempre a ir tornar-se uma separação em dois idiomas.

A base da sociabilidade, e portanto da relação permanente entre os indivíduos, é a língua, e é a língua com tudo quanto traz em si e consigo que define e forma a Nação. Estamos, neste mundo, divididos por natureza em sociedades secretas diferentes, em que somos iniciados à nascença; e cada uma tem, no idioma que é seu, a sua própria palavra de passe.

Sucede ainda que, sendo o egoísmo a base da vida individual por isso mesmo que é vida individual, nada pode durar nem persistir neste mundo se não tiver a sua base no egoísmo. O egoísmo é, por natureza, anti-social, pois cada indivíduo, por ser ele, é oposto a todos os outros. Não poderá portanto haver vida social se não for possível encontrar uma forma social do egoísmo, qualquer coisa que seja, por assim dizer, uma síntese do egoísmo e da sociabilidade. Ora se a base da socia(bi)lidade é o idioma, é forçosamente a pátria, fundada na comunidade do idioma, que é a base da vida social. Como fenómeno egoísta, opõe-se a todas as outras pátrias, e daí a guerra, como o mais natural e espontâneo de todos os fenómenos sociais. Como fenómeno antiegoísta, gera a fraternidade entre os homens, podendo assim preparar, nos

mais cultos ou mais nobres, uma compreensão das pátrias dos outros, e uma certa fraternidade antiguerreira —pelo menos nos intervalos das guerras —, um conseqüente intercâmbio de [...] e daí dois fenómenos, comuns a toda a vida histórica da humanidade: a guerra, que é o egoísmo centrífugo, e o comércio, que é o egoísmo centrípeto da nação.

s. d.

**Sobre Portugal — Introdução ao Problema Nacional.** Fernando Pessoa (Recolha de textos de Maria Isabel Rocheta e Maria Paula Morão. Introdução organizada por Joel Serrão.) Lisboa: Ática, 1979: 19.